

## O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)

(1999)

[Publicado em *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, ed. Isabel Hub Faria, Lisboa, Cosmos, 1999, pp. 367-370]

Quando discorrem sobre propostas de periodização da história da língua portuguesa, alguns autores têm atribuído a Lindley Cintra a designação de *português médio* para um período que recobre quase totalmente o século XV e a primeira metade do XVI e que é caracterizado por um feixe de grandes transformações afectando todos os estratos do sistema linguístico, mas ocorrendo apenas na secção portuguesa da faixa ocidental da Península Ibérica.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, em *O Português Arcaico. Fonologia* (S. Paulo, 1991:18-19), diz concretamente:

L. F. Lindley Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI.

E reforça com um quadro em que são comparadas propostas de Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Pilar Vázquez Cuesta e Cintra, dando como fonte desse quadro uma obra por mim organizada (Castro, 1988:12).

Clarinda de Azevedo Maia, no seu artigo “Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre *português arcaico* e *português moderno*” (sep. de *Diacrítica*, 10, 1995:7-8), refere-se ao passo citado de Rosa V. Mattos e Silva e retoma a menção a Cintra:

Pilar Vázquez Cuesta, Lindley Cintra e Evanildo Bechara coincidem na delimitação temporal do período compreendido entre o início do século XIII e a

primeira metade do século XVI... Em todos os autores referidos esse amplo período aparece subdividido em duas fases evolutivas: ... Lindley Cintra situa a transição do *português antigo* para a etapa *média* no ano de 1420.

Dada a projecção que têm os trabalhos de Rosa V. Mattos e Silva e de Clarinda de Azevedo Maia, basta esta coincidente atribuição para assegurar curso na literatura da especialidade à associação do termo *português médio* ao nome de Lindley Cintra. É verdade que não explicitarei essa associação no *Curso de História da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1991:243): «todo o período a que chamamos *português médio* (ou *pré-clássico*) foi uma longa transição da língua medieval para uma plataforma estável e “clássica”». Mas não é menos verdade que em tudo o que escrevo a marca do ensino de Cintra está bem implantada, pelo que me limito a referi-lo nas citações precisas e nas discordâncias. Não é este o caso: nem discordo, nem conseguiria, neste particular, apresentar uma transcrição directa e pertinente.

O que nos deposita no centro do problema, aliás exíguo: sendo Cintra o responsável pela denominação daquela época da língua como *português médio*, onde está isso escrito pela sua mão? A esta pergunta, que não é infrequente colocarem-me, só posso responder que, tanto quanto sei, nunca publicou tal afirmação. Era nos seus cursos que repetidamente a formulava e foi aí que a colhi para, como outros colegas, a ajudar a propagar.

Ainda recentemente Esperança Cardeira se debatia com a dificuldade de, em trabalho que prepara, usar a denominação e referir o seu autor por meio de citação directa, propondo-se, com ironia que em breve se tornará aparente, remeter o leitor para o passo de Rosa V. Mattos e Silva que de entrada reproduzi. Mas nesse passo a professora brasileira remete para uma obra colectiva que organizei (*Sete ensaios sobre a obra de J. M. Piel*, Lisboa, FLUL, 1998) e, dentro dela, para um artigo intitulado “Elementos para uma caracterização da obra de J.-M. Piel”(p. 4-56), onde pela primeira vez aparece publicado o seguinte quadro de periodização:

Época	Leite de Vasconcelos	S. Silva Neto	Pilar Vázquez Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até +/- 1200 (1214-16)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	gal.-português	port. antigo
até 1536/1550		port. comum	port. pré-cláss.	port. médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	port. clássico	port. clássico
até s. XIX/XX			port. moderno	port. moderno

É preciso, aqui, dizer uma palavra acerca da natureza do livro *Sete ensaios*. Resultante do primeiro curso de Mestrado que dirigi na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, consistiu em um volume policopiado e de tiragem muito limitada, em que se reuniram trabalhos de alunos que tinham por tema comum a sistematização de aspectos da obra de Piel, que, como se sabe, é vastíssima mas muito difusa. Dado o modo como foram produzidos e tendo em conta o momento das carreiras dos seus autores em que o foram, é natural que nesses trabalhos figurassem materiais de ensino, como é o caso do quadro de periodização, que então usava nas minhas aulas e que reflectia, por sua vez, o que ouvira nas aulas de Cintra ou nas nossas conversas, durante o tempo em que o servi como assistente. Claro que um ensino como o de Cintra tinha, além de inúmeros receptores, condições para os influenciar de múltiplas maneiras e para se propagar diversamente. Seria do maior interesse confrontar estas lembranças com a que outros discípulos provavelmente guardam das suas palavras. Mas, no que toca à designação *português médio*, as coisas apresentam-se claras. Estamos perante uma situação de tipo saussureano, em que a designação se transmite oralmente do originador a uma geração de discípulos que a retransmite também oralmente, até ser fixada e publicada apenas na segunda geração, no artigo de *Sete ensaios* a que fiz referência. A este devem ser enviadas as remissões bibliográficas, como Rosa V. Mattos e Silva não deixou de fazer. E como Esperança Cardeira terá de fazer também, resolvendo pelo caminho a difracção resultante de este artigo estar assinado por Esperança Ferreira, o nome que usava então.